

→ sexo@cidade

Flávia de Gusmão
 figusmao@jc.com.br
 pelo twitter: flaviadegusmao



Vévi tua vida, a festa



“Vévi tua vida” é o nome da festa de réveillon que já estou organizando na minha casa. Assim mesmo, com a grafia incorreta, como vi em foto postada no Facebook, dia desses, reproduzindo uma pichação num muro. Já vou começar assim: falando/escrevendo errado porque, em situações de absoluta honestidade, o que importa é o conteúdo, e não a forma. Entendeu a mensagem escrita dessa forma? Então, me deixa com meu conteúdo. Vévi tua vida. Por isso e também porque algumas frases/palavras ditas na forma Inculta ganham, na minha opinião, um sabor de inocência. Não concorda? Tem nada, não, Vévi tua vida que eu vivo a minha.

“Vévi tua vida”, a festa, não vai ter wifi, vou desligar o da minha casa e vou exigir que os participantes desconectem seus 3G, para que ninguém poste nada, nenhuma foto sequer. Muito menos eu. Sei que vai haver crise de abstinência, mas, tem nada não, quando os convidados seguirem para casa – e um novo dia surgir no horizonte – todos, inclusive eu, vão poder matar a segura e postar quantos selfies e pensamentos quiserem, engajarem-se em quantas polêmicas desejarem. Na festa “Vévi tua vida”, no entanto, não.

Considerem o conceito do evento como uma espécie de detox, uma câmera de despressurização antes de encarar 2016 que, ao que tudo indica, virá carregado de gente que pretende viver a vida do outro em vez de a sua própria. Táí uma coisa que me escapa à compreensão: pensar pela cabeça do outro e querer que o outro pense pela sua cabeça.

“Vévi tua vida”, a festa, arrecadará fundos para estimular a tolerância entre os terráqueos, começando pelas coisas mais fáceis, e pelos terráqueos que moram mais perto de nós, nossos vizinhos de código postal. Acredito que toda disciplina deve ser, primeiramente, imposta à nossa própria pessoa, antes de ser impingida aos outros. Por isso, desde já, tenho tentado praticar a tolerância com as pequenas coisas que me tiram do sério.

Acho que a proximidade do fim do ano exerce sobre nós o efeito “morrer na praia”: quando estamos quase lá, quase conseguindo bancar a superior em alguma situação, quase tirando por menos aquilo que – se pensarmos direitinho – vale realmente menos, a irritação se sobrepõe. E lá vamos nós, ladeira abaixo da verborragia intolerante. Estou tão praticante do “Vévi tua vida” que já tenho até um riso específico para todas as ocasiões que me empurram para as raias do destempero verbal. Meu sorriso “Vévi a tua vida” é horrível, já o ensalei diante do espelho e fiz uma selfie. Mas é mil vezes melhor do que sucumbir à tentação de ter uma opinião sobre absolutamente tudo e não permitir que o outro opine sobre absolutamente nada, sem que isso desperte em mim a mais feroz das criaturas.

A festa “Vévi tua vida” vai ser um exercício de liberalidade e alteridade, que poderá ser concluída de duas formas: tipo “Acabou, Jéssica?”, com o povo quebrando o pau e desfazendo amizades de muitos anos, ou com esse mesmo pessoal abraçando o sol ao som de “Esse ano quero paz no meu coração”. Quem vier, verá. Ninguém vai poder reclamar de nada. A trilha musical vai estar aberta. Quem se dispuser a dançar boquinha da garrafa, que dance. Não vale dar muxoxo externo, só muxoxo interno, porque esse não dá para fiscalizar.

“Vévi tua vida” reflete o lado exatamente oposto de outra frase que, numa outra época, fez minha cabeça: “Apos te ilude”. Ambas são mantras de fases distintas. “Apos te ilude” representa meu lado mais visceral, quando eu achava que dedo na cara do outro era resposta pra tudo. “Vévi tua vida” sou eu, hoje.

Primavera efêmera

AINDA QUE TARDIA Todos já devem ter notado como o Recife anda florido. Pois é, eis a nossa primavera, que tem a brevidade como característica



Cleide Alves
 cleide@jc.com.br

Tudo bem, nós crescemos ouvindo que o Nordeste não tem primavera. Nem outono. É só chuva e seca. Mas, como negar a mais romântica das estações olhando as flores que desabrocham nos pés de ipê, craibeira, jasmim-manga, bougainvillea, espatódea, acácia, flamboaiã e sibipiruna, nas ruas da cidade do Recife?

Se você é bom observador deve ter percebido que esse espetáculo acontece todo fim de ano, em especial com os ipês (amarelo, roxo e branco) e as craibeiras. Dê uma espiada ao seu redor e comprove. As flores estão em todo canto.

Por uma combinação de fatos da natureza, um maior número de plantas florescem no fim do ano, diz Marccus Alves, professor do Departamento de Botânica da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ao explicar a nossa primavera, digamos, um pouco tardia.

“É como se fosse a nossa primavera, embora essa estação, assim como o outono, não seja muito marcada no clima tropical. As chuvas e a temperatura mais elevada estimulam a produção de flores nesse período, que se prolonga até janeiro”, esclarece o botânico.

Nativo do Brasil, o ipê-amarelo é quem mais chama a atenção. E faz como ninguém. Primeiro, todas as folhas caem e a planta fica pelada. Depois, as flores aparecem de uma vez só. “É uma explosão, elas abrem todas juntas, a árvore fica parecendo uma bola amarela.”

Para completar o capricho, a flor só dura uma semana e cai ao mesmo tempo, forrando o chão com um tapete dourado. “Ela vive intensamente e morre cedo”, resume. Então, nascem novas folhas e o ipê só volta a ficar florido no outro ano. “É muito sincronizado”, comenta.

Semana passada, tinha um pé, todo em flor, no Jardim Botânico do Recife, no bairro do Curado. A variedade roxa, contemplada na Avenida Recife, tem menos flores, mas du-



ram mais tempo no pé

Quer mais uma curiosidade sobre o ipê? A flor, considerada símbolo nacional desde 1978, não enche apenas a vista. Comestível, também vai à mesa em saladas ou empanadas, garante Marccus Alves.

O jambeiro, frutífera comum nos quintais do Recife na década de 60, lembra o professor, também atrai olhares nessa época do ano. “Como a árvore tem muita folhagem, quase não se nota a flor. A beleza da planta, para a gente, é justamente quando as flores morrem e caem.”

Aqueles fiapos, que cobrem o chão de um cor-de-rosa intenso, correspondem à parte masculina da flor, e são igualmente comestíveis. Eles são descartados quando perdem serventia para a planta, conta o botânico. A parte feminina continua na árvore e vira o fruto.

Fique à vontade para catar os fiapos, lavar e botar em saladas. “São ricos em vitamina C e tem um sabor gostoso, meio azedinho”, ensina.

O jasmim-manga, espécie exótica que ornamenta o Cais da Aurora, no Centro, também é apreciado na culinária. As flores, rosa e branca, são usadas em geleias ou cristalizadas com açúcar. Vá com calma porque a planta solta um látex, como a manga-ba, que é tóxico, alerta Marccus.

Jardins recendendo a flor de jambo, caju, sapoti e carambola eram comuns na capital pernambucana. “Pessoas acima de 40 anos, que viveram o Recife dos quintais, têm essa memória afetiva do verde nas casas.”

Isso se perdeu, continua, com a verticalização moradias. “É a grande diferença na paisagem da cidade. Daí porque a floração do ipê e da craibeira (nativa do Brasil) chamam tanto a atenção nas ruas.”

E agora que você leu a reportagem e já sabe um pouco sobre o nosso momento primavera, aproveite a estação. Ela é efêmera.

Mais na web

Galeria de fotos de flores do Recife no www.jconline.com.br/suplementos



VIDA Flamboaiã, ipê, acácia amarela e jasmim-manga são alguns dos exemplares nas ruas do Recife

Fotos: Bobby Fabrisik/JC Imagem